

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Apoio dos Poderes

Os presidentes da Câmara, Hugo Motta, e do Senado, Davi Alcolumbre, estão se preparando para, junto com o presidente do Supremo Tribunal Federal, Edson Fachin, parabenizar o eleito do próximo domingo, de forma a não permitir choradeira do lado A ou B. Afinal, um candidato vai ganhar, outro vai perder, e, se a diferença entre eles for minúscula, certamente o lado perdedor vai reclamar do resultado.

Apostas supremas

Crescem as apostas de que a tendência é de acordão para preservar o Supremo Tribunal Federal, independentemente de quem for eleito no próximo domingo. É que, se for para “pegar” Alexandre de Moraes, não vai dar para preservar o ministro Kassio Nunes Marques, que nega qualquer ligação com Daniel Vorcaro, mas é citado como o personagem de festas.

Conselheiro supremo

Nas hostes bolsonaristas, o que se diz é que o ex-presidente Jair Bolsonaro não aceita acordo com o STF. Se para tirar Moraes, tiver que “sacrificar” outro ministro, que assim seja.

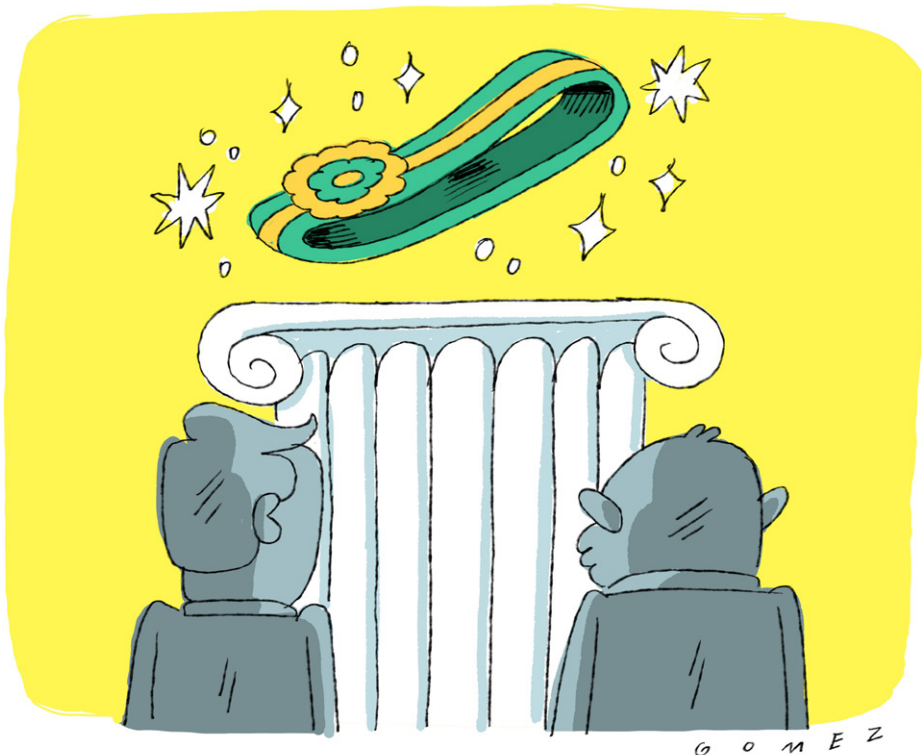
Hora das contas

Independentemente de quem vencer no domingo, as alas do Senado vão começar a fazer contas para saber se dá para levar adiante o impeachment de um ministro do STF. Até aqui, os senadores afirmam que a matemática não é tão fechada como pensam os mais radicais aliados de Flávio Bolsonaro. Com os inquéritos a que o candidato responde, ainda que vença, tem muita gente indisposta a comprar toda essa guerra com o STF.

Transição em curso e transmissão da faixa

Independentemente do resultado da eleição no próximo domingo, haverá transição de governo. E, para isso, todos os ministros do presidente Lula já foram orientados a repassarem seus relatórios de execução de programas à Casa Civil. Em caso de vitória, Lula pretende anunciar mudanças no governo, de forma a dar uma oxigenada na equipe de seu último mandato. Se for derrotado, quer mostrar ao clã dos Bolsonaro como se faz uma transição num país democrático. No início de 2023, quando Bolsonaro deixou o Planalto, a equipe de Lula encontrou computadores vazios, sem qualquer relatório sobre os programas de governo.

Em tempo/ O “já ganhou” na equipe do candidato do PL, Flávio Bolsonaro, chegou ao ponto de seus interlocutores procurarem funcionários do governo para falar de transição. Inclusive com perguntas sobre se Lula iria querer transmitir a faixa para o presidente eleito, no dia da posse. No governo, o que se diz é que, diferentemente de Jair Bolsonaro, seu antecessor, Lula, se derrotado no domingo, não se furtará a cumprir os protocolos da democracia.



CURTIDAS

Fotos: Uefa/Divulgação



O caso da ilha/ O jogador de futebol Richarlison (foto) retomou com força o caso de uma ilha em Angra dos Reis (RJ) em que o advogado Willer Thomaz e o senador Flávio Bolsonaro teriam tomado dele em 2020. O vídeo em que ele apresenta documentos para comprovar que havia comprado o imóvel viralizou nas redes. É mais um problema para o advogado Willer Thomaz e o candidato do PL responderem às vésperas da eleição.

Especialista requisitado/ Servidor afastado do Superior Tribunal de Justiça e alvo da operação Linceu, Humberto Pradera era conhecido no meio dos advogados como alguém que consertava computadores de muitos deles nos renomados escritórios de Brasília. De uns tempos para cá, deixou de fazer esse serviço.

Difícil tirar da “leoa”/ A pesquisa **Correio/**Opinião divulgada hoje mostra a governadora candidata Celina Leão (PP) com 50,1% dos votos consolidados, ou seja, o voto espontâneo. Enquanto o candidato Leandro Grass (PT) tem apenas 34% que declaram o voto nele sem consultar a lista.

Por falar em DF.../ Comenta-se, nos bastidores do Senado, que a senadora Leila do Vôlei planeja deixar que Leany Lemos exerça o mandato até o final. Não voltaria sequer para se despedir desses quase oito anos e agradecer os votos que obteve para esta Legislatura e os que manteve neste pleito.



Vem aí o “decretaço” do Flávio

Presidenciável prepara conjunto de medidas para, se eleito, alterar regras trabalhistas, além de revogar normas editadas por Lula

» RENATO SOUZA

O senador Flávio Bolsonaro já tem o texto pronto de mais de 200 decretos para serem assinados caso seja vencedor da eleição para presidente da República. A informação foi repassada ao **Correio** por aliados do parlamentar. De acordo com as fontes ouvidas pela reportagem, a maioria dos decretos trata de regulação de normas trabalhistas, inclusive sobre o fim da escala 6X1 e a organização da jornada de trabalho.

O senador pretende fazer uma

espécie de “decretaço” assim que assumir o cargo, podendo ocorrer já no primeiro dia de mandato. Além de alteração na legislação trabalhista, o congressista também pretende fazer um “revogaço” de decretos assinados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Outra área importante que seria afetada, de acordo com as fontes, é a ambiental, onde seriam criadas normas restringindo fiscalização de órgãos ambientais sobre áreas de vegetação que estão em terras consideradas privadas ou que não estão classificadas como de proteção ambiental.

Dezenas de decretos também foram pensados para alterar normas econômicas, inclusive a organização administrativa do Poder Executivo, acabando com muitos conselhos, comitês e grupos de trabalho, que são vistos como iniciativas que aumentam o custo da máquina pública sem resultados relevantes para o país. Nos primeiros três meses, também haveria medidas para privatizar entes estatais, que precisariam ser chanceladas pelo Congresso Nacional.

A maioria dos decretos teriam de ser encaminhados ao parlamento, inclusive por meio da edição de

medidas provisórias, que precisam do crivo dos deputados e senadores para continuarem em vigor. No entanto, aliados do senador acreditam que não haveria dificuldades em aprovar as medidas diante da nova configuração do Congresso. Procurado para comentar o caso, por meio de sua assessoria de campanha, Flávio Bolsonaro não se manifestou.

Governo Bolsonaro

No governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, o Executivo tentou realizar uma série de alterações nas

normas trabalhistas. Entre elas, estava um projeto de medida provisória para contratar jovens com salários de R\$ 600. A justificativa seria a necessidade de abrir o mercado de trabalho para quem procurava o primeiro emprego. Neste sentido, o número de horas trabalhadas também seria reduzido, mas não haveria vínculo empregatício.

Outra proposta pretendia ampliar as jornadas de trabalho especiais — atualmente, de seis horas — de determinadas categorias profissionais, como operadores de telemarketing. Também ocorreu a tentativa de suspender

a necessidade de registro profissional no Ministério do Trabalho e Emprego para o exercício de diversas profissões.

As tentativas de Jair Bolsonaro foram barradas no Congresso, que não aprovou as modificações. No entanto, em 2026, a avaliação é de que um eventual governo de Flávio teria um parlamento formado em sua maioria por aliados. Além disso, o candidato eleito assumiria no contexto de uma Suprema Corte enfraquecida, que teria pouca resistência para se opor a medidas chanceladas pelo Executivo e pelo Legislativo.

Reflexões eleitorais de 2026

» RAFAELA BOMFIM*

A poucos dias do segundo turno das eleições presidenciais, a disputa acirrada entre Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Flávio Bolsonaro (PL) é marcada pela mobilização das militâncias, pela influência das redes sociais e pela incerteza sobre o resultado das urnas.

Em entrevista às jornalistas Mariana Niederauer e Sibeles Negromonte, no *CB.Poder*, programa realizado pelo **Correio** em parceria com a TV Brasília, o professor de Ciência Política da Universidade de Brasília (UnB) Lúcio Rennó avaliou que a movimentação dos apoiadores de Lula alterou o cenário da disputa em relação ao primeiro turno. Para o especialista, a campanha petista ganhou força nas ruas e no ambiente digital. Em compensação, a organização política do bolsonarismo e o avanço da direita no Congresso terão impacto sobre

o próximo governo, independentemente de quem vencer a eleição.

Segundo Rennó, a mobilização petista é um dos principais elementos para compreender a reta final da campanha. O professor observou que o resultado do primeiro turno impulsionou uma reação dos apoiadores de Lula. “Acordou a militância petista, que estava dormindo, e a trouxe para a rua e para as mídias sociais”, afirmou.

A mudança também reflete as transformações na maneira de fazer política no Brasil. Rennó lembrou que a eleição de Jair Bolsonaro à Presidência, em 2018, representou um marco na utilização das redes sociais como instrumento de mobilização eleitoral.

Para o especialista, o PT está em um processo de adaptação a essa nova realidade, combinando a tradição de mobilização nas ruas com uma presença

mais intensa no ambiente digital.

Outro aspecto destacado pelo professor é a transformação do bolsonarismo em uma força partidária institucionalizada ao longo das eleições. “O PL institucionaliza o bolsonarismo na estrutura partidária do quadro partidário brasileiro”, afirmou. Essa consolidação, na avaliação do cientista político, terá consequências para a relação entre o Executivo e o Legislativo a partir do próximo ano.

Ao analisar o comportamento dos eleitores, Rennó afirmou que os debates televisivos ainda podem influenciar a disputa, especialmente em uma eleição apertada, mas perderam parte da capacidade de determinar o resultado. Segundo ele, a polarização consolidou a preferência de uma parcela expressiva do eleitorado, enquanto outro grupo permanece indeciso ou demonstra afastamento da política.

O professor chamou esse

fenômeno de “desalento eleitoral”, caracterizado pelo cansaço, pela frustração e pelo desinteresse em relação à disputa. Para Rennó, esse distanciamento representa um desafio para a democracia, pois reduz a disposição das pessoas para participar do processo político. Ele destacou que eleições livres, justas e competitivas são fundamentais para o regime democrático, mas alertou que a intensificação dos conflitos dificulta o diálogo e pode afastar cidadãos da vida pública.

“A democracia vive de um processo de construção de diálogo”, afirmou. Na avaliação do cientista político, recuperar a confiança da população e criar condições para o debate entre diferentes posições será essencial para fortalecer as instituições e enfrentar os desafios do próximo ciclo político.

*Estagiária sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza

Pedro Paulo Cardoso/CB/D.A Press



Rennó: reação do PT nas ruas e hegemonia do PL marcaram eleição